

A construção do debate sobre a cidadania dos moradores de periferia no programa televisivo *Aglomerado*

[The construction of the debate about citizenship of the slum dwellers on the television show Agglomerado]

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

[PhD Candidate in Social Sciences at State University of Campinas]

<lorenarubiapereira@gmail.com>

RESUMO

No presente texto é discutida criticamente a proposta do programa televisivo *Aglomerado* de promover um debate a respeito das condições para a cidadania do morador de periferia. São três perguntas centrais que se pretenderam responder: De que maneira o programa organizou a discussão sobre a cidadania do favelado? Quais foram as estratégias acionadas? E quais foram os principais requisitos apontados? Para tanto, foi realizado um estudo de caso, averiguando-se os enunciados e a organização das falas em quatro episódios de *Aglomerado*, dois da primeira e dois da segunda temporada. No decurso da investigação percebeu-se que o programa estabelece uma tensão entre seus objetivos e as escolhas efetuadas em termos de conformação midiática, reverberando nas condições apontadas como essenciais para o status de cidadão dos habitantes das favelas.

Palavras-chave: Televisão; Cidadania; Periferia.

ABSTRACT

This paper aims to discuss critically the proposal of the Brazilian television show *Aglomerado* to debate the conditions for slum dwellers' citizenship. So, there are three central questions to be answered: How did the TV show organize this discussion? What were the strategies? And what were the main requirements pointed out? Thus, the case study was carried out, checking up the statements and the organization of speeches in four episodes of *Aglomerado*, two of the first and two of the second seasons. During the investigation it was noted that the program sets a tension between its goals and the choices made in terms of media conformation, reflecting on the conditions identified as essential to slum dwellers' status as citizens.

Keywords: Television; Citizenship; Slum.

A construção do debate sobre a cidadania dos moradores de periferia no programa televisivo *Agglomerado*

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira

A temática geral do presente artigo diz respeito à atuação política de minorias (especificamente moradores de periferia) nos meios de comunicação, atendo-se às possibilidades e aos entraves para a ocupação do espaço midiático por lutas sociais que estabelecem demandas nos terrenos simbólico e cultural, buscando reverter os padrões hierárquicos de valoração e posicionamento dos sujeitos. Os *media*, nesse sentido, constituem-se como importantes esferas para a atuação dos indivíduos, podendo favorecer o avanço das questões sociais, inserindo as reivindicações em diversas lógicas e modos de intercâmbio. Para Maria Mata (2001, 2006), as discussões públicas divulgadas nas mídias vinculam as questões coletivas às agendas midiáticas, fazendo com que os discursos e as imagens transmitidos pelos meios promovam insumos para a reflexão e a atuação dos indivíduos.

Destarte, ainda que não se constitua como a única instância de elaboração de enunciados e interação, a comunicação midiática possuiu uma magnitude e um estatuto particulares: produz regulações discursivas que expressam, instauram e reproduzem práticas cotidianas. Os meios não apenas se encontram com a vida diária, instituindo os valores e as práticas, mas emergem em um contexto no qual compõem uma cultura compartilhada, direcionando a construção de representações e imagens sobre os sujeitos e a cultura (SILVERSTONE, 2002). Exatamente por isso é

preciso estar atento para a forma como a mídia interfere no avanço ou no atraso das disputas por justiça e por cidadania, possibilitando ou impedindo a ação política.

A problemática que guia essa investigação é entender como o programa televisivo *Aglomerado* introduz na mídia uma discussão sobre as condições fundamentais para garantir a cidadania dos habitantes das favelas. O *Aglomerado* se insere em um complexo cenário midiático, propondo uma discussão alargada das questões sociais atinentes aos sujeitos moradores de periferia e uma reconciliação entre morro e asfalto, buscando revelar que ambos os espaços partilham de realidades que se interconectam e que são, muitas vezes, semelhantes. Desse modo, é preciso investigar em que medida ele edifica uma “arena discursiva” (MAIA, 2009): um espaço em que várias argumentações são expostas e confrontadas, buscando, como conclusão, uma visão plural dos temas discutidos. São três perguntas centrais que se pretendem responder: De que maneira o programa organiza o debate sobre a cidadania do favelado? Quais são as estratégias acionadas? E quais são os principais requisitos apontados?

O *Aglomerado* é fruto de uma parceria entre a Central Única das Favelas (CUFA)¹ e a TV Brasil² (rede de televisão pública), e seu principal objetivo é promover um espaço de discussão sobre o cotidiano das favelas brasileiras e os requisitos para uma efetiva cidadania dos favelados. O programa acentua a necessidade de

¹ A CUFA é uma organização não governamental, fundada em 1999, que atua nas esferas política, cultural, esportiva e social, e possuiu como principal forma de expressão o hip hop, com objetivo de promover a integração e inclusão social. Ela possui oficinas de capacitação e profissionalização frequentadas por jovens oriundos, em sua maioria, das favelas.

² A TV Brasil, criada em dezembro de 2007, preza por programações variadas, que incluem informação, cultura e arte, ciência e formação de cidadão. Ela destina grande parte de sua programação à exibição de produções independentes e regionais, e participa também como coprodutora de documentários, séries e filmes.

reformular a posição desses sujeitos na sociedade, trazendo imagens e enunciados que contrariam os padrões culturais hierárquicos que os assinalam como carentes tanto no nível material quanto no simbólico. Através desse objetivo geral, ele busca mostrar “morro, asfalto e periferia aglomerados. É esta a proposta do *Aglomerado*, um programa que fala sobre cidadania e mostra o Brasil urbano, multirracial e multicultural” (TRECHO extraído do site oficial do programa). Ele é idealizado e apresentado por Alex Pereira Barbosa (MV Bill) e Gisele Gomes de Souza (Nega Gizza)³, ambos moradores de periferia e fundadores da CUFA. O programa possuiu duas temporadas, produzidas entre os anos de 2011 e 2013, estruturando-se da seguinte maneira: em primeiro plano estão as entrevistas realizadas no palco com cantores convidados, que são perpassadas pela apresentação de quadros que tratam dos temas de cada episódio.

Para a realização da investigação optou-se por um estudo de caso baseado na análise dos enunciados e da organização das falas no programa, examinando-se quatro episódios de *Aglomerado*, sendo dois da primeira e dois da segunda temporada⁴. Por meio da análise buscou-se compreender de que modo é construída a trama discursiva que compõe o debate. A seleção das edições foi realizada tendo em vista os temas discutidos, privilegiando-se as abordagens sobre a cultura da periferia e as diversas formas de preconceito que sofrem os moradores de favela. Optou-se por analisar as duas temporadas com o objetivo de perceber se a configuração das discussões sofreu modificações, redirecionando o tratamento das temáticas.

³ Ambos os apresentadores nasceram e permanecem morando na periferia do Rio de Janeiro, são cantores de rap, fundadores da CUFA e importantes representantes do movimento negro e de moradores de favela no Brasil.

⁴ Os episódios do programa foram identificados por números, sendo que os Episódios 1 e 2 correspondem à primeira temporada e os Episódio 3 e 4, à segunda. As datas de exibição dos episódios são: Episódio 1 em 13/08/2011; Episódio 2 em 11/06/2011; Episódio 3 em 09/11/2013; e Episódio 4 em 23/11/2013.

1. As estratégias de construção do debate no *Aglomerado*

Aglomerado aciona como estratégia de sua construção midiática a visibilidade do cotidiano e dos modos de vida dos habitantes das favelas. Ele se inscreve, sobretudo, no terreno da apresentação dos problemas sociais e da cultura da periferia: os diversos quadros expõem projetos sociais, seus fundadores e participantes, revelando como as propostas se iniciaram e se desenvolveram. Esse elemento está em consonância com o objetivo enunciado, que corresponde a “mostrar a cultura que está nas ruas” (TRECHO extraído do site oficial do *Aglomerado*), revelando suas nuances.

Além disso, o programa apresenta como proposta principal o debate e a discussão sobre temas de relevância para os subúrbios, a fim de mostrar a confluência entre (“aglomerar”) morro e asfalto. No Episódio 1, é proposta uma discussão sobre o funk como expressão das periferias, considerando-o patrimônio cultural. É discutida a criminalização desse estilo musical e são abordados os preconceitos relacionados à imagem do funkeiro e o impedimento de bailes funk no subúrbio. No Episódio 2, o tema do funk reaparece atrelado à questão da discriminação racial e social. Outras manifestações culturais da periferia são exibidas, como as rodas de *freestyle*, a pixação e o graffiti.

Na segunda temporada, os Episódios 3 e 4 possuem um tema específico – “A arte nossa de cada dia” e “Racismo” – que é desenvolvido juntamente a outras pautas que possuem contiguidade de conteúdo. No Episódio 3, é discutida a cultura e suas diversas formas de expressão, revelando sua importância para a vida dos sujeitos em sociedade e para a emancipação daqueles que se encontram em situação de subalternização. No Episódio 4, o tema do

racismo é entremeado com o debate sobre preconceito, como a estigmatização do funk e dos funkeiros.

Em se tratando da dimensão da visibilidade, existem vários momentos no programa que evidenciam a importância de se publicizarem as iniciativas desenvolvidas nas periferias, apresentadas principalmente nos quadros temáticos. No Episódio 1, o quadro “Guerreiros e Guerreiras” mostra o projeto de Antônio Veríssimo, criador do Teatro da Laje, que tem como objetivo oferecer a formação de ator/atriz para os moradores de periferia. Localizado na Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro, o Teatro da Laje assumiu como desafio “provar que era possível fazer teatro de qualidade, buscar uma linguagem teatral na favela que dialogasse em pé de igualdade com o que se fazia na zona sul” (TRECHO extraído do Episódio 1). Em meio às imagens dos ensaios, o idealizador comenta os desafios para a criação de um grupo de teatro na Vila Cruzeiro (favela carioca) e as dificuldades para que as peças produzidas ocupassem outros espaços urbanos.

No quadro “Boa da Noite” do Episódio 2 a intenção é apresentar a roda de Freestyle que acontece todas as terças-feiras na Rua Farani, no Rio de Janeiro. Nega Gizza, a fim de divulgar os objetivos do movimento cultural, conversa com vários participantes do evento, mostrando a dinâmica do lugar. Em entrevista com Airá Ocrespo (participante da roda de Freestyle) sobre o evento, ele afirma: “Eu acho que isso daí acaba sendo um fenômeno cultural sabe, tipo, vem uma rapaziada da localidade, mas de várias partes da cidade e todo mundo com o intuito de escutar a rima, de fazer contato” (TRECHO extraído do Episódio 2).

Na segunda temporada do programa a visibilidade da cultura da periferia também é proeminente. No Episódio 3, é exibida a

iniciativa de Lia Rodrigues e seus parceiros, o Centro de Artes da Maré, e é enfatizada a oportunidade de contato com a cultura. Lia Rodrigues assevera que o Centro é muito importante para “sensibilizar o público da Maré a vir assistir os espetáculos, ao mesmo tempo sensibilizar o público da zona sul que é importante que exista um lugar pras artes, que abrigue as artes aqui dentro” (TRECHO extraído do Episódio 3). A importância do Centro é reforçada pelo seu caráter de projeto social, revelando a importância de levar a arte – as artes plásticas, o teatro, a dança contemporânea etc. – para as regiões periféricas.

No quadro “Guerreiros e Guerreiras” do Episódio 3, é apresentado o projeto de Almir Haddad, diretor e roteirista de teatro, que apresenta peças no espaço público urbano. O grupo “Tá na rua” nasceu com o objetivo de mostrar que a arte é pública e que seu acesso deve ser democratizado, rompendo com a noção de alta e baixa cultura. Segundo o fundador do grupo “ali, nesse encontro com o povo na rua, é que eu comecei a desenvolver muito lentamente essa ideia de que o teatro é uma arte pública” e completa comentando que “É a arte que não se vende, uma arte que não se compra, é uma doação” (TRECHOS extraído do Episódio 3) e também um direito de cidadania.

No quadro “Guerreiros e Guerreiras” do Episódio 4, é exibido o Olodum, projeto social que visa o “empoderamento” dos negros e moradores de favela, promovendo o acesso à arte e à música. De acordo com João Jorge, presidente da organização, o desenvolvimento do Olodum é um exemplo de “ativismo simbólico”, que possuiu o poder de influenciar e transformar a sociedade, fundamentado em “uma filosofia de transição social” (TRECHO extraído do Episódio 4) na qual o negro e o pobre passam a ser respeitados e valorizados.

A exposição de projetos sociais, de movimentos culturais autônomos e até mesmo de indivíduos que são protagonistas em determinados setores da vida na periferia realça as diversas iniciativas que surgem dentro e fora das favelas, revelando uma cultura ampla e em constante desenvolvimento. A proposta de divulgar esses trabalhos demonstra como o cotidiano nos morros se desvencilha das questões de violência ou de carência material e social, revelando o protagonismo dos sujeitos moradores de periferia em várias esferas da vida cultural.

Em meio à apresentação dos projetos e iniciativas desenvolvidos nas e para as periferias, *Aglomerado* configura um debate que se inicia no palco em conversa com os convidados e estende-se nos diversos quadros temáticos. No Episódio 1, na entrevista realizada com Adriana Rattes (Secretária da Cultura do Rio de Janeiro à época de exibição do capítulo) e MC Leonardo (fundador da Associação Nacional do Funk – APAFUNK), desponta a intenção de discutir o valor cultural do funk. Nega Gizza chama o quadro de entrevista perguntando “Funk é cultura?” e a secretária responde: “Evidentemente que o funk é cultura, assim como o samba é cultura e há um século atrás [sic] talvez a gente tivesse que fazer a mesma pergunta sobre isso” (TRECHO extraído do Episódio 1).

Em seguida, MC Leonardo reafirma o valor cultural do estilo musical e reforça que existe um grande preconceito com a música funk, apesar de ela estar presente de forma proeminente no Brasil. O entrevistado lança uma pergunta em tom de desafio, tentando legitimar as opiniões expostas: “O que que é ser criminoso né? Pela maneira que você veste né? O preconceito linguístico, ele passa a ser o segundo maior preconceito. O primeiro é o preconceito estético mesmo. Que sociedade é essa?”. E conclui dizendo: “Eu acho que

tentando acabar com a perseguição, e tendo sucesso nisso, nós vamos acabar com o preconceito” (TRECHOS extraído do Episódio 1).

No Episódio 2 da primeira temporada, a intenção é pautar assuntos relativos ao funk e à cultura da periferia. No palco, Fernanda Abreu e os apresentadores discutem junto com a plateia o preconceito em relação ao funk, e a cantora relativiza dizendo que as músicas precisam se desvincular do sexo e da apologia à violência. Em seguida, MV Bill introduz o quadro “Fácil é falar de mim, difícil é ser eu” comentando: “Dizem que elas são promíscuas, não se dão o valor, mas aqui no programa *Aglomerado* elas têm voz e podem se defender” (TRECHO extraído do Episódio 2).

No quadro “Fácil é falar de mim, difícil é ser eu” do Episódio 2, o programa interrompe a fala da funkeira Taty Princesa com um momento de povo-fala, discutindo a vulgarização da mulher no funk. As respostas colhidas na rua exemplificam o preconceito sofrido pelas cantoras do estilo musical: a maioria das pessoas entrevistadas reafirmam o estereótipo das “popozudas que usam roupas muito coladas e muito curtas” (TRECHO extraído do Episódio 2), sempre em poses provocantes e dançando coreografias que remetem ao sexo. A resposta de Taty apresenta novos argumentos a essa discussão, revelando que para “a funkeira agora resta esse desafio, poder mostrar que não precisa né ser só o bundão” e que no futuro o funk vai ser “um ritmo encarado como qualquer outro, como um dia foi o samba” e “por que não advogados, médicos e psicólogos serem funkeiros também” (TRECHOS extraído do Episódio 2).

Nos quadros gravados é possível ver a tentativa do *Aglomerado* de construir um discurso que motive e fomente as discussões reveladas no palco. Entretanto, eles apenas reforçam os temas e os enquadramentos já abordados. Nas entrevistas no palco o debate é

atenuado: os convidados, na medida em que expõem seus argumentos sobre os diversos assuntos acionados pelos apresentadores, não são questionados ou interrompidos para que novas opiniões tenham espaço na conversa. Os apresentadores e a plateia frequentemente corroboram com as ideias expressas por eles - na maioria das vezes através das palmas. Além disso, o programa organiza as falas em momentos nos quais há uma continuidade de argumentações entre o que é dito no palco e nas entrevistas gravadas - geralmente após um tema com enquadramento análogo ter aparecido na conversa com os cantores convidados.

Retomando o Episódio 1 da primeira temporada, percebe-se que no palco está acontecendo uma conversa com os grupos de funk sobre preconceito, tratando-o como ilegítimo e injusto, na tentativa de valorizar o estilo musical e situá-lo como uma expressão cultural. Em seguida, são inseridas as afirmações de Adriana Rattes e MC Leonardo, certificando que funk é cultura e denunciando as diversas formas de intolerância em relação aos funkeiros. Essa matéria também está em consonância com todas as conversas desenvolvidas com os convidados, que buscaram enaltecer e mostrar o funk como um estilo musical legítimo.

O quadro no qual Taty Princesa é entrevistada está situado em seguida da fala de Fernanda Abreu, que enfatiza a necessidade de romper com o preconceito em relação ao funk e que o estilo musical deve ser encarado como igual aos outros. A funkeira expõe argumentação similar, dizendo que o samba presenciou a mesma realidade, mas foi sendo valorizado ao longo dos anos. Em outro momento é possível perceber a contiguidade de opiniões: Fernanda Abreu relativiza as letras dos funks e as roupas das mulheres no baile, afirmando “Gente, shortinho e duplo sentido tá até light né. Enquanto era duplo sentido era bacana porque faz parte da

marchinha de carnaval, do forró” (TRECHO extraído do Episódio 2). Nos discursos de Taty, que aparecem logo em seguida, é retomada a necessidade de outros assuntos, e ela mesma diz: “Claro que existe a coisa da música de duplo sentido. Claro que existem músicas que fazem apologia ao sexo. Outras que fazem apologia à droga. São públicos diferentes” (TRECHO extraído do Episódio 2). Mesmo que haja relativizações, o funk é valorizado, não aparecendo argumentos contrários à linha de raciocínio pretendida.

Se a proposta do *Aglomerado* fosse apenas tornar visível a cultura das favelas, essa configuração estaria em consonância com seus objetivos. Entretanto, o programa anuncia como finalidade promover uma discussão que seja pautada por diversas argumentações. Apesar de nos quadros existirem algumas opiniões controversas, elas são obscurecidas por aquelas que reafirmam o enquadramento já construído para o tema. Considera-se esse fato problemático na medida em que o propósito do *Aglomerado* é o debate – a edificação de uma arena discursiva que permita “aglomerar” morro e asfalto –, tornando necessário confrontar também as opiniões contrárias, inserindo suas motivações.

No Episódio 3, os momentos de argumentação são raros, uma vez que ele preza pela exposição de projetos culturais e artísticos – apesar de na abertura o apresentador anunciar que “a gente quer discutir com vocês qual o papel da arte para a construção de um país e de um ser humano melhor” (TRECHO extraído do Episódio 3). Apenas na entrevista dos apresentadores com Lenine é discutido o valor da arte e sua importância na vida cotidiana. Mas, mesmo nesse momento, o tom de debate é apagado em prol de uma conversa na qual todas as partes concordam com as opiniões proferidas.

No Episódio 4, focado no racismo, a questão das cotas é abordada, enfatizando a oportunidade que vários negros e pobres passaram a ter de ingressarem nas universidades por meio desse sistema. MV Bill e Nega Gizza apresentam o quadro dizendo que as cotas são uma forma de reparação para os negros, sendo compreendidas como uma chance de mudança de vida por meio da universidade. Nesse quadro são entrevistados o diretor do curso de direito da UERJ na época da exibição desse programa (Carlos Eduardo), um sociólogo (Jailson Silva) e um estudante cotista (Jefferson de Barros), para debater o tema. Nas palavras de Carlos Eduardo “a primeira dificuldade que se teve foi um conservadorismo que houve na ideia de que não deveria haver a reserva de cota em nenhuma universidade” (TRECHO extraído do Episódio 4). Ele complementa afirmando que a implementação das cotas foi uma conquista da Universidade, que passou a abrigar um corpo discente mais plural e inclusivo. A fala do diretor é entrecortada por Jefferson de Barros, aluno cotista, que enfatiza a importância das cotas para permitir o acesso às Universidades a quem antes não tinha possibilidade de fazer um curso superior. Para ele, “o sistema de cotas é muito importante porque, enfim, isso tem garantido o acesso às faculdades, o acesso às universidades pra muita gente que nem sequer sonhava” (TRECHO extraído do Episódio 4).

A matéria promove a relação entre cotas, racismo e periferia por meio da fala do sociólogo Jailson Silva, que assevera: “O racismo é um dado fundamental pra entender a desigualdade social brasileira, pra entender as estigmatizações de uma parcela significativa da população, pra entender a falta de investimentos públicos nas favelas”. Segundo ele, as cotas são a condição para a “democratização das universidades” e “o imperativo para construir uma sociedade mais igualitária” (TRECHOS extraídos do Episódio 4).

Pelas falas exibidas acima é possível perceber que a discussão, que deveria apontar os avanços e as dificuldades das cotas como afirmaram os apresentadores na abertura e encerramento da matéria, se mantém afirmando a necessidade e a promoção da justiça por meio desse sistema que inclui aqueles que antes estavam impossibilitados de ingressar nas universidades. Segundo Nega Gizza, nessa edição “Teremos uma matéria polêmica sobre as cotas nas universidades públicas. Nem todo mundo concorda, e você?”, afirmando que através dela os telespectadores poderão “tirar suas próprias conclusões” (TRECHOS extraído do Episódio 4). Entretanto, nenhuma questão controversa é pautada. As argumentações contrárias, que dizem respeito aos problemas e às consequências das cotas, nem sequer aparecem no programa para ajudar a balizar a questão.

O debate sobre o racismo também é fomentado no palco, e a posição nós *versus* eles (negros *versus* brancos; moradores de periferia *versus* habitantes da cidade) é estabelecida, e os convidados enfatizam a disseminação do preconceito racial no país, que estaria estreitamente relacionado à discriminação social (dos moradores de favela). Os apresentadores lançam uma pergunta sobre quais seriam as propostas viáveis para transformar o quadro do racismo. O primeiro convidado a responder é MC Sapão, que inicia sua fala enfatizando que as pessoas de classe média que vivem na cidade encaram e confrontam os negros quando eles possuem carros ou outros bens materiais caros, e que esse é um fato cotidiano.

Na conversa com o grupo Carrossel de Emoções, quando MV Bill faz uma pergunta sobre o racismo, ele prontamente se dirige para um dos integrantes negros do grupo, demonstrando que a discussão deve ser fundamentada por quem sofre com a discriminação e o racismo: “Legal cara, e você cara, você no meio desse bagulho todo,

que já leva esse funk já na sua veia, carregando no peito” (TRECHO extraído do Episódio 4). Ainda que os negros, no caso do racismo, sejam os interlocutores privilegiados na medida em que sofrem o preconceito, é preciso, se se intenciona fundamentar uma arena discursiva, levar em consideração a opinião de todos os presentes, ainda que elas não acompanhem o discurso do programa.

A resposta de MC Frank sobre o que ele pensa do racismo cria uma distinção entre o negro e o branco e também entre o habitante da periferia e os moradores das cidades. O funkeiro afirma “eu sou branco, mas tenho sangue de negro” (TRECHO extraído do Episódio 4) e, em seguida, conta a história de quando ele saiu da favela e foi viver na zona sul. Ele diz: “Eu morei em Madureira e fiz a loucura de morar na Barra da Tijuca” (TRECHO extraído do Episódio 4). De acordo com o cantor, os vizinhos não o cumprimentavam e ainda o discriminavam pelas roupas e pelo modo de falar – situações que MC Frank associou ao racismo. Para ele, o único modo de se livrar da discriminação era voltando para o subúrbio, onde ele possuía amigos e família. “Então ai foi aonde que rompeu meu coração, eu preferi voltar de novo pra raiz ali, perto da CDD, tô perto do VBill, tô perto do Cidinho, tô perto do Menor, então já tá bom” (TRECHO extraído do Episódio 4). Esse argumento, além de não fomentar o debate, porque não expõe uma versão diferenciada para a questão, reforça as clivagens entre morro *versus* asfalto, indo de encontro à proposta do programa.

A partir das análises expostas é possível assinalar que mesmo as argumentações trazidas nos quadros temáticos possuem continuidade com o que é enunciado no palco, promovendo um discurso homogêneo sobre os temas em debate. Desse modo, percebe-se que a configuração do *Aglomerado* privilegia a dimensão da visibilidade, expondo a cultura e os problemas da periferia através

de um enquadramento pré-determinado. Como consequência o debate é atenuado, operação que contradiz o propósito do programa, qual seja, discutir temas de relevância social que envolvem as favelas e “aglomeram” morro e asfalto.

2. A edificação das condições para a cidadania

A proposição de condições para a cidadania dos habitantes do subúrbio se faz em meio à estratégia do programa em acentuar a dimensão da visibilidade e atenuar o debate. Essa escolha se deve a uma importante vertente do programa, qual seja: a construção de demandas públicas que reverberariam em requisitos para que os moradores de periferia constituam-se cidadãos.

O *Aglomerado* inscreve as demandas na esfera da sociabilidade e da cultura, requerendo reconhecimento das formas de se viver na periferia e das manifestações artísticas que se desenvolvem nesse local. O primeiro elemento que viabilizou a exposição do cotidiano e dos problemas sociais da favela nos *media* foi a centralização da dimensão da visibilidade, que publicizou as diversas formas de vida e de cultura, mostrando as várias iniciativas dos próprios moradores para a produção de projetos sociais. O segundo é a atenuação do debate, que promoveu a homogeneização dos discursos sobre os temas discutidos. A construção de demandas, desse modo, se estabelece em um espaço coerente e coeso, no qual não há tensionamento, tornando possível abordar as condições fundamentais para a cidadania dos habitantes dos subúrbios.

A cidadania⁵ é compreendida como um requisito para a igualdade de participação na sociedade, objetivando instituir todos os sujeitos como pares nas interações. Segundo Evelina Dagnino (1994), ela é uma estratégia de aprimoramento da democracia, que possui como principal pilar a confluência entre cultura e política – fundamentando uma agenda de política cultural. A ideia de justiça subjacente está diretamente relacionada às mudanças nos padrões de socialização e nas hierarquias sociais, transformando as realidades de exclusão material e simbólica. Nesse sentido, o que está no cerne dessa proposta é uma ideia de reconhecimento, embasada nas possibilidades de participação paritária nas relações ordinárias e na discussão dos problemas públicos.

Nos discursos é possível encontrar algumas passagens que demonstram a preocupação de pensar e elaborar demandas no espaço da cultura. Três momentos são exemplares na primeira temporada: no Episódio 1, a entrevista com MC Leonardo e Adriana Rattes acentua o funk como uma forma de expressão da subjetividade dos sujeitos que vivem na favela, enfatizando a necessidade de descriminalização desse estilo musical e de outras expressões artísticas que permitem que os favelados narrem sua própria vida. No Episódio 2, as iniciativas do Projeto Traços de Conflito (TRACOM) e Teatro da Laje acentuam o direito de expressão de si para os habitantes de periferia, discutindo a potencialidade do graffiti e do teatro como formas de participação social dos jovens suburbanos, ajudando a construir uma linguagem artística própria das comunidades.

⁵ Sabe-se que o conceito de cidadania possui diversas interpretações, sendo a mais conhecida aquela que prevê os direitos nos âmbitos políticos, civis e sociais. No presente texto, trabalha-se com a noção desenvolvida ao longo da década de 1990 na América Latina, que está diretamente relacionada com a experiência dos movimentos sociais e suas demandas pela democratização das relações sociais.

No Episódio 3, os direitos de acesso à arte e à expressão artísticas são as demandas mais enfatizadas. O quadro “Guerreiros e Guerreiras” é o que mais explicita o objetivo de situar a arte como um bem simbólico que deve ser democratizado, garantindo o acesso de todos. Aqui é requerido o respeito e o reconhecimento dos moradores de periferia enquanto sujeitos produtores de arte e cultura, e a valorização de suas formas de expressão – rap, funk, graffiti, etc. O reconhecimento e o respeito ao negro e ao habitante da favela também são apontados como pautas de reivindicação dentro do Episódio 4, afirmando que o racismo e o preconceito de classe são formas de desrespeito que prejudicam a condição de cidadão desses sujeitos. A arte e a cultura são apresentadas como formas de expressão imprescindíveis e como direitos, constituindo-se como elementos fundamentais para que os indivíduos consigam compreender sua situação social e transformá-la.

Outro importante elemento de reivindicação é a transformação da representação social do habitante dos morros, fazendo com que o estigma sobre esses sujeitos – que geraria o desrespeito e a falta de reconhecimento – seja dissipado. Essa reivindicação é responsável pela escolha do programa em enfatiza a visibilidade, que seria a vertente que possibilitaria mostrar outras facetas das periferias, diferentes da violência e da precariedade.

A partir da análise das demandas apresentadas pelo *Aglomerado* é possível perceber três condições fundamentais para a cidadania dos habitantes de periferia: o respeito e o reconhecimento, a expressão de si e de sua realidade e a saída do gueto simbólico.

O respeito e o reconhecimento são primordiais porque conduzem aos outros dois requisitos – o direito à expressão de si e de sua realidade e a saída do gueto simbólico.

O reconhecimento, de acordo com Nancy Fraser (2010)⁶, é baseado no alargamento da contestação política e na redefinição dos parâmetros de justiça social, que passam a abranger a representação e a diferença – promovendo uma politização da cultura. Ele diz respeito ao estatuto social dos sujeitos, e é baseado no princípio de paridade de participação, isto é, se refere à condição de parceiros integralmente reconhecidos e que possuem direito à interação social e política. Desse modo, ele deve perscrutar os padrões institucionalizados de valor cultural e busca perceber a posição que cada ator ocupa, revelando as injustiças.

Essa demanda já está assinalada na proposta do programa: aproximar periferia e centro, rompendo com o distanciamento social dos favelados, o que colabora para que eles sejam excluídos do mundo comum. Esse objetivo revela que *Aglomerado* pretende instituir relações mais igualitárias entre aqueles que habitam os morros e as cidades, promovendo a paridade de participação. Em suma, o programa propõe o respeito e o reconhecimento a esses sujeitos e a seu modo de vida.

Em *Aglomerado* os discursos produzidos assinalam a dimensão do reconhecimento na medida em que procuram reformular a posição dos moradores de periferia na sociedade, trazendo imagens e enunciados que contrariam os padrões culturais hierárquicos que os assinalavam como sujeitos carentes tanto no nível material quanto no simbólico. O programa demonstra que o desrespeito está embasado na ausência dos direitos no âmbito da comunicação e da cultura, tal como o direito de se expor por meio do funk, do rap, do

⁶ É reconhecido o pioneirismo em relação à edificação do conceito de reconhecimento de Charles Taylor (1993) e Axel Honneth (2003). Entretanto, no presente texto prefere-se a abordagem de Nancy Fraser (2010), à medida que ela traz uma noção de justiça que está em consonância com o conceito de cidadania trabalhado e as demandas expressas pelo programa analisado.

graffiti, sem que essas expressões mobilizem, em consequência, a desvalorização e o preconceito.

Nos episódios analisados, é acentuada a importância do respeito e do reconhecimento como condições para a cidadania. Por meio da visibilidade da cultura e dos problemas que envolvem as favelas, *Aglomerado* promove uma imagem transformada dessa realidade, mostrando a complexidade das relações que são estabelecidas e das diversas atividades desenvolvidas nesses espaços. Enfatizar a arte, a música, as iniciativas de projetos sociais é uma estratégia para tentar mostrar que o desrespeito aos favelados está embasado em versões distorcidas da realidade – portanto, a injustiça se sustentaria em uma representação enviesada e em uma falta de oportunidade de expressão desses sujeitos.

Entretanto, no programa duas ideias de reconhecimento se chocam: uma que é enunciada nos objetivos e que busca a paridade de participação; outra vista através das estratégias do *Aglomerado* que privilegiam a visibilidade da cultura da periferia e preterem o debate, requerendo a valorização de um grupo específico (os moradores de favela). Desse modo, existe uma tensão dentro do reconhecimento como condição de cidadania, oscilando entre a necessidade de haver arranjos sociais que permitam a participação de todos na sociedade e a exaltação das expressões culturais de um conjunto de sujeitos, demandando o respeito à sua identidade.

A segunda condição para a cidadania é a possibilidade de os moradores de favela poderem narrar sua própria história e expressarem sua subjetividade – dimensão extremamente relevante à medida que o programa pretende que esses sujeitos tenham autorrepresentatividade. Para que esses indivíduos possam se constituir como cidadãos, eles devem “assumir a palavra” (TELLES,

1998) e edificar um ambiente no qual seus modos de vida sejam levados em conta. A tomada da palavra pelos habitantes de periferia deve estabilizar sua condição de interlocutores legítimos e desestabilizar os lugares e as posições anteriormente instituídas, exigindo seu reconhecimento como sujeito de demandas e de direitos.

A necessidade de expressão de si e de sua realidade é enfatizada tanto no palco como nos quadros gravados, revelando as competências dos habitantes dos morros de se manifestarem através de seus próprios meios culturais – graffiti, funk, rap etc. – e “contar sua realidade”. Ter garantida a expressão de si aparece como reivindicação central para que os favelados possam construir outras representações.

Essa dimensão aparece de modo mais proeminente nos quadros que abordam as diversas formas de cultura e arte desenvolvidas na favela. Na entrevista com MC Leonardo e Adriana Rattes é reivindicado, a todo o momento, que o funk seja reconhecido como música legítima, uma vez que é através dele que o favelado narra seu cotidiano. Outros dois momentos nos quais a expressão de si e de sua realidade é enfatizada são as exposições dos projetos TRACOM e Teatro da Laje, iniciativas compreendidas como espaços para que os habitantes das periferias produzam seus próprios enunciados e modos de expressão artística.

A última condição se inscreve na esfera do discurso e na produção de modos estabelecidos de compreender e classificar o outro. A representação, como tratada no programa, é também um importante elemento para garantir a cidadania dos moradores de periferia, à medida que a valorização simbólica promovida por figurações do cotidiano e da cultura conseguiriam proporcionar um espaço de

visibilidade para esses sujeitos e incluí-los no mundo comum edificado socialmente. Quando o programa expõe na tela da televisão as iniciativas culturais que são desenvolvidas nas favelas, ele revela a multiplicidade de possibilidades artísticas que emanam desses lugares. Ao contrário das imagens que povoam a mídia – da violência, da criminalidade, da falta e da carência material e simbólica –, *Aglomerado* busca uma revitalização dos discursos e das formas de tratamento do favelado, atentando para sua condição de cidadão – o que os torna capaz de formular suas próprias demandas e expor publicamente as questões que lhes são importantes.

Entretanto, essa escolha possui uma dualidade: a tentativa de sair do gueto simbólico produz um contra-estereótipo que, como afirma Stuart Hall (1997), é uma estratégia para reverter uma situação de desvalorização, acionando outros sentidos que vão essencializar as características de um grupo, só que pelo viés de sua valorização, acentuando apenas os atributos positivos. O *Aglomerado*, ao enfatizar a dimensão da visibilidade e prezar pela publicização da cultura e da arte desenvolvidas na periferia, produz uma representação que rejeita a condição de pobreza, reforçando um pólo positivo – o da cultura e da sociabilidade –, o que continua essencializando a imagem dos moradores de favela. No caso da periferia, é preciso acentuar que a figuração como local de sociabilidade e relações sociais afloradas também já esteve presente no seio social como contraponto ao enquadramento da pobreza e da violência, como apontam Alba Zaluar e Marcos Alvito (2003).

Essa opção de representação é ainda mais problemática se se considera o enclausuramento dos discursos promovido pela atenuação do debate: como o propósito de aproximar morro e asfalto não é efetivado, o distanciamento comanda a produção do *Aglomerado*, criando uma representação da periferia e de seus

sujeitos que está inscrita apenas no mundo edificado pelo programa. Desse modo, ao invés de pensar nas motivações e nos mecanismos que colocam esses indivíduos em um gueto simbólico – o que seria o propósito de um produto que se propõe a discutir as questões que envolvem as favelas –, revelando as diversas imagens dos morros e de seus moradores, o *Aglomerado* reforça uma representação “positiva” que não condiz necessariamente com uma revitalização da imagem dos habitantes do subúrbio.

3. Considerações finais

O programa averiguado nesse texto deve ser interpretado por meio da tensão estabelecida entre seus objetivos e as escolhas efetuadas em termos de conformação midiática (ênfatizando a visibilidade e atenuando o debate), reverberando nas condições apontadas como essenciais para o *status* de cidadão dos habitantes das favelas.

Em primeira instância, é preciso retomar os propósitos de *Aglomerado*, quais sejam: revelar, por meio de uma discussão, que a periferia extravasou seus limites geográficos e simbólicos com suas produções artísticas e culturais – atividades que são consideradas dignas do mesmo valor moral e intelectual das artes consagradas. Além disso, pretende mostrar que morro e asfalto não são mais termos antagônicos e não expressam formas de vidas opostas, mas podem e devem se “aglomerar” e se misturar. Para tanto, os sujeitos que moram nas favelas devem ser reconhecidos como membros paritários na vida social, através do respeito e do reconhecimento, da possibilidade de expressão de si e da saída do gueto simbólico, fundamentando, assim, sua cidadania.

A configuração do programa atenua o debate e preza pela visibilidade da cultura e da vida social na periferia, buscando promover uma imagem em positivo desse local e de seus moradores. Por meio dessa estratégia o *Aglomerado* intenciona propor outras representações do favelado, favorecendo a valorização simbólica desses sujeitos. A dimensão de construção de demandas, elemento fundamental na edificação das condições para a cidadania, se situa em um terreno sem tensionamento e isso permite que ela seja enfatizada a todo o momento.

Como *Aglomerado* se instaura em um terreno de tensão entre os objetivos que anuncia e as escolhas discursivas que são apresentadas, as condições para a cidadania, por consequência, apresentam clivagens. Em relação ao respeito e ao reconhecimento, o *Aglomerado* apresenta duas propostas divergentes: a primeira está relacionada à intenção de desfazer o distanciamento entre morro e assalto, anunciando a necessidade de garantir a paridade de participação para todos os sujeitos; a segunda se volta para uma “política de identidade” (FRASER, 2010), buscando a valorização de um grupo cultural específico.

A saída do gueto simbólico também é afetada: ao invés de inscrever a desvalorização dos habitantes de periferia em uma arena discursiva na qual é possível debater sobre os problemas de representação social, o programa opta pela construção de um contraestereótipo, que enfatiza como as favelas são plenas de arte e cultura. Isso acontece porque o *Aglomerado* essencializa as características “positivas” do morro, sem promover um contraponto entre elas e as figurações que os apresentadores configuram como “lineares”.

Desse modo, as condições para a cidadania possuem conteúdo contraditório, dificultando a compreensão do que seria necessário

para o habitante dos morros ser cidadão: em termos de respeito e reconhecimento, não é possível definir se o programa aponta para a paridade de participação ou para a valorização da identidade do grupo; a saída do gueto simbólico é indefinida, apontando ora para a promoção de uma imagem plural da favela, ora para uma representação apenas em positivo; ou se para o programa o essencial é apenas possibilitar que os moradores de periferia falem por si mesmos no espaço midiático, discutindo as questões que lhes concernem.

Referências

- Funk. *Aglomerado*. Rio de Janeiro: TV Brasil, 11 Jun. 2011. Programa de Televisão.
- Funk. *Aglomerado*. Rio de Janeiro: TV Brasil, 13 Ago. 2011. Programa de Televisão.
- Arte no cotidiano. *Aglomerado*. Rio de Janeiro: TV Brasil, 09 Nov. 2013. Programa de Televisão.
- Racismo. *Aglomerado*. Rio de Janeiro: TV Brasil, 23 Nov. 2013. Programa de Televisão.
- DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, E. (Org). *Anos 90 - política e sociedade no Brasil*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994, pp. 103-115.
- FRASER, N. *Scales of justice: reimagining political space in a globalizing world*. New York: Columbia University Press, 2010.
- HALL, S. The spectacle of the 'other'. In: HALL, S (Org). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: SAGE, 1997, pp. 223-290.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MAIA, R. Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razão. In: *Revista Brasileira da Ciência Política*, Brasília, nº 2, 2009, pp. 303-340.
- MATA, M. Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. In: *Diálogos de la comunicación*, nº 64, 2001, pp. 64-76.
- _____. Comunicación y ciudadanía - problemas teórico-políticos de su articulación. In: *Revista Fronteiras*, v. 8, nº 1, jan./abr. 2006, pp. 5-15.
- SILVERSTONE, R. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. In: *New Literary History*, Baltimore, v. 33, nº 4, 2002, pp. 761-787.
- TAYLOR, C. La política del reconocimiento. In: GUTMAN, A (Org). *El multiculturalismo y la "política del reconocimiento"*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- TELLES, V. Direitos sociais: afinal do que se trata? In: *Revista USP*, São Paulo, nº 37, 1998, pp. 34-45.
- ZALUAR, A.; ALVITO, M. Introdução. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M (Orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.



COMPOLÍTICA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PESQUISADORES EM
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Diretoria da Associação | Director Board

Presidente | President

Fernando Lattman-Weltman (UERJ)

Vice-Presidente | Vice-President

Arthur Ituassu (PUC-Rio)

Secretária Executiva | Executive Secretary

Kelly Prudêncio (UFPR)

Corpo Editorial | Editorial Board

Coordenação Editorial | Editorial Coordination

Alessandra Aldé (UERJ) & Maria Helena Weber (UFRGS)

Editores Executivos | Executive Editors

Camilo Aggio (UFBA), Diógenes Lycarião (UFC), Rafael Cardoso Sampaio (UFPR) & Viktor Chagas (UFF)

Editores Assistentes | Assistant Editors

Ana Angélica Soares (FGV), Fernanda Sanglard (UERJ) & Isabele Mitozo (UFPR)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política

[Revista Compolítica is an electronic journal published by the Brazilian Association of Political Communication Scholars]

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

[To cite this article, please use the following reference]

CAMINHAS, L. R. P. A construção do debate sobre a cidadania dos moradores de periferia no programa televisivo *Aglomerado*. In: **Revista Compolítica 5 (2), 2015.**

